

JACOB, Christian. Ler para escrever: navegações alexandrinas. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian (dir.). O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2000. p.45-73

Ler para escrever: navegações alexandrinas¹

Origem, modelo fundador de todo projeto de acumulação da memória escrita, a Biblioteca de Alexandria parece, hoje em dia, surpreendentemente abstrata e paradoxal. 1 Como pôde tal instituição apagar-se na tradição, a ponto de nos deixar tão poucos documentos sobre seu funcionamento, seu pessoal, sua arquitetura, sua atmosfera? 2 Estudarmos Alexandria hoje é nos tornarmos nós mesmos alexandrinos e seguir um fio de Ariadne muitas vezes interrompido nos meandros da tradição antiga.

Alexandria não é o protótipo dessas catedrais do saber que são nossas salas de leitura. É uma biblioteca de Estado, mas sem público, 3 cuja finalidade não é a difusão filantrópica e educativa do saber na sociedade, e sim a acumulação de todos os escritos da Terra, no centro do palácio real que, por ele mesmo, constitui um bairro da cidade. 4

Biblioteca no sentido grego de "depósito de livros", rolos de papiros arrumados em estantes - que, em Roma pelo menos, serão divididas em compartimentos -, em nichos ou contra as paredes, 5 acessíveis a uma elite de sábios (p.46) e de homens de letras que lêem, conversam, trabalham e, talvez, ensinam em galerias cobertas e nas salas adjacentes.

A exemplaridade da Biblioteca de Alexandria reside menos na monumentalidade arquitetônica, 6 do que na decisão, tanto política quanto intelectual, de reunir num mesmo lugar todos os livros da Terra, presentes ou passados, gregos e bárbaros. Esta acumulação vai induzir efeitos intelectuais particulares, fundar práticas eruditas de leitura e de escrita, e uma maneira erudita de gerir a memória da humanidade, criando um novo objeto, o helenismo, ao mesmo tempo próximo e distante, porque posto à distância pela mediação da escrita.

Uma nova memória

Alexandria, ou a mais ilustre das cidades fundadas por Alexandre Magno, em 331 a.C., a oeste do delta do Nilo, tornou-se a capital do reino do Egito, da qual se apropriou em 306 um valoroso general, Ptolomeu Sóter, após a morte do conquistador (em 323) e o desmembramento de seu império. Cidade nova, Alexandria, a grega na terra do Egito, devia a si mesma criar sua própria memória. Serão os despojos de Alexandre sepultados em seus muros, conforme a tradição. Será a biblioteca fundada por Ptolomeu Sóter. Aliás, o túmulo, como o museu, que abriga a biblioteca, fazem parte do palácio real que ocupa o bairro de Bruchion em Alexandria. 7

“Aristóteles é o primeiro, ao que se sabe, a ter reunido uma coleção (*sunagagôn*) de livros e a ter ensinado aos reis do Egito a maneira de organizar (*suntaxin*) uma biblioteca”. 8

¹ Uma primeira versão deste texto, muito condensada, foi apresentada na abertura do colóquio "Alexandria ou a memória do saber". Sua gênese deve muito a meu ensino na universidade Johns Hopkins (Baltimore), de fevereiro a abril de 1994, no âmbito de um seminário para *graduates* (Dept. of Classics). Agradeço aos estudantes por sua atenção e pela qualidade dos debates que animaram. A redação definitiva beneficiou-se das condições privilegiadas de trabalho oferecidas pelo Getty Center for the History of Arts and the Humanities (Santa Monica, Califórnia). Agradeço a seu diretor, Salvatore Settis, pelo convite, e ao pessoal do Scholars Department e das Resource Collections por sua ajuda constante. Enfim, devo um reconhecimento amigo a Julia Annas, Luciano Canfora, François Hartog, Claude Imbert, Krzysztof Pomian, Jacques Revel e Salvatore Settis, que aceitaram ler este texto e comunicar-me úteis sugestões. Este trabalho é uma etapa intermediária em vista de um livro de conjunto sobre a erudição alexandrina, no qual o dossiê das referências e das fontes será plenamente desenvolvido.

A acumulação pura dos livros deve ser acompanhada de um projeto intelectual, de uma ordenação, uma "sintaxe". Segundo Estrabão, a Biblioteca de Alexandria é o enxerto bem-sucedido de uma ideia ateniense, nascida na escola filosófica de Aristóteles, o Liceu: uma comunidade de intelectuais, que se dedica à pesquisa e ao ensino e encontra na biblioteca um de seus instrumentos de trabalho, em domínios tão diversos quanto a poética, as ciências, a história e, naturalmente, a filosofia. 9

São os filósofos que, em torno de Aristóteles, apelidado "o leitor", 10 contribuem para modificar a condição do livro: suporte de arquivamento destinado a preservar a literalidade dos textos das falhas da memória humana, o livro é também reconhecido como fonte de informação e de reflexão, lugar de elaboração do saber, vetor do ensino. É preciso salvaguardar os livros em sua materialidade, em primeiro lugar para preservar o pensamento do fundador da escola, confiado à escrita. (p.47) De modo mais geral, a reflexão filosófica se desenvolve doravante no horizonte dos saberes antigos ou contemporâneos, mobilizáveis pela leitura, prestando-se à citação, ao comentário e à crítica, num novo espaço e numa nova temporalidade intelectuais. A solução de um problema, científico ou filosófico, passa pela genealogia de sua formulação e das respostas que lhe foram dadas: seu exame crítico, até mesmo sua refutação, o inventário das aporias e das contradições são outras tantas etapas decisivas que permitem o avanço da reflexão. A doxografia abre ao mesmo tempo a profundidade temporal de uma história da filosofia e o espaço de um método heurístico baseado na confrontação sincrônica das "teses em presença". 11 O livro é também um suporte que se presta a organizar coleções de materiais em diferentes campos do saber. Assim, atribui-se a Aristóteles uma coleção de *Politeiai* (constituições políticas de 158 cidades), de *Costumes bárbaros*, de *Provérbios* e de *Problemas*. Sob a forma de catálogos, esses tratados reorganizam a informação colhida no decorrer da leitura de outras obras: esses objetos de saber são tirados de seu contexto e reorganizados em catálogos temáticos, nos quais sua própria acumulação é produtora de sentido e oferece os materiais necessários para novas elaborações teóricas, históricas ou políticas.

De Atenas a Alexandria, a ideia não muda apenas de dimensão. Propriedade privada, integrada numa escola filosófica independente da cidade de Atenas e financiada pela fortuna pessoal do escolarca e pela generosidade de seus alunos ou da monarquia macedônica (fiel à memória de Aristóteles, que foi o preceptor de Alexandre Magno), a biblioteca torna-se, em Alexandria, um negócio de Estado, é posta sob o patrocínio do rei, que lhe assegura o funcionamento, lhe define a missão e lhe controla o acesso. 12 De seletiva e orientada, a biblioteca se torna universal. De biblioteca a serviço de uma escola de pensamento e, por conseguinte, exposta aos riscos de concorrência e de cisão, até mesmo à eventualidade de uma herança infeliz, 13 ela se torna a biblioteca por excelência, pólo de atração para os livros e os leitores do mundo inteiro. Por sua riqueza, ela cria um novo objeto até então impensável: a totalidade dos textos escritos em grego ou traduzidos das "línguas bárbaras", reunidos num mesmo lugar. A Biblioteca de Alexandria é um tesouro que partilham alguns leitores privilegiados, provavelmente sob forte vigilância. A autoridade do rei substitui a do escolarca. Nesse ínterim, apareceu a figura do bibliotecário, que preside ao funcionamento e à organização da instituição, sem que, de resto, nossas fontes nos permitam esclarecer melhor a natureza das funções inerentes a esse cargo, à parte o fato de que ele implicava frequentemente o preceptorado [orientação] dos filhos do casal real. (p.48)

Mas por que, precisamente, o fundador da dinastia lágida decide instituir uma biblioteca universal nos locais do Museu, que acolherá seus raros leitores? E por que, depois de sua morte em 282 a.C., seus sucessores manterão a fundação com tanto zelo? Os ganhos políticos e simbólicos são múltiplos. Nessa terra do Egito onde, segundo Platão, um deus inventou a escrita quando a civilização helênica estava na infância, 14 os novos soberanos querem afirmar a primazia da língua e da cultura gregas, dotar sua capital com uma memória

e raízes artificiais, compensar sua marginalidade geográfica por uma centralidade simbólica: toda a memória do mundo numa cidade nova, a oeste do delta do Nilo, uma cidade de imigrados, de colonos, de militares e de aventureiros, de gregos, de judeus, de núbios e de egípcios.

A memória escrita é uma herança de que é preciso apoderar-se, um ganho na rivalidade política das potências mediterrâneas. Ganho para quem? Não para os camponeses egípcios que vão sofrer anos de exploração violenta, cerceados por uma administração opressora, presos num sistema fiscal e econômico que constitui o reverso do cenário alexandrino. Nem para a população cosmopolita que enche as ruas de Alexandria e se aperta diante das portas do palácio, nos dias de festa. Mas para a própria família real, para a corte, para a *intelligentsia* mediterrânea, seduzida, recrutada e até comprada para acompanhar o rei, instruir seus filhos e dar ao reino lágida um brilho cultural sem par. Com efeito, a biblioteca e o meio intelectual alexandrino serão fortes fatores de mobilidade para os intelectuais e os eruditos do Mediterrâneo helenístico e greco-romano: a viagem a Alexandria é uma etapa obrigatória e, em geral, uma permanência prolongada, para quem é originário da zona de influência lágida, de Cirene às ilhas orientais do Egeu, como Cós e Samos. 15 Certas cartas de Arquimedes de Siracusa a seus colegas alexandrinos mostram que a capital lágida era o pólo intelectual e científico mais importante do mundo mediterrâneo. 16

Essa preeminência ecumênica, paradoxalmente, favorecerá a fundação de bibliotecas em outros reinos helenísticos, como Pérgamo ou Antióquia. Poder-se-ia também considerar que a criação das bibliotecas helenísticas de menor importância, por exemplo, nos ginásios, 17 bem como o desenvolvimento das bibliotecas públicas em Roma, a partir de Júlio César, que dirigiu as operações da guerra de Alexandria, são as consequências diretas da política cultural dos Lágidas. A fundação da Biblioteca de Pérgamo, que se propunha competir com o estabelecimento dos Ptolomeus, ou mesmo suplantá-lo, teve como efeito um reforço de controle sobre os intelectuais e os poetas que frequentavam o pólo alexandrino. 18 (p.49) Ela teve outro efeito perverso, levando a uma forte supervalorização na política frenética de aquisição dos livros praticada pelos “corretores de bibliotecas” 19 dos dois reinos, o que fez a felicidade dos falsários de todo gênero. 20

Reunir num mesmo lugar todos os livros da Terra implicava a apropriação das “sabedorias bárbaras” por uma política de traduções, a mais célebre das quais foi a dos cinco livros do Pentateuco, o texto sagrado dos judeus. 21 Esta abertura para as culturas estrangeiras tem seus limites, bem como sua lógica. Marcará ela o início de um diálogo entre as culturas? Provavelmente, e a força simbólica da tradução não deixa de ter uma dimensão política, testemunhando o fim dos antigos preconceitos helenocêntricos. 22 Mas ela afirma também a realidade onipresente de uma dominação linguística, política, militar e econômica. Ela é de fato a expressão de uma vontade simbólica de poder, em que Alexandria, novo centro do mundo, afirma seu predomínio sobre a totalidade do mundo habitado, até seus confins, querendo se apropriar de todos os traços escritos por todos os povos, em todas as línguas e em todos os lugares, e traduzindo-os para o grego, isto é, importando-os e aculturando-os no espaço linguístico, cultural e mental do helenismo. 23 A tradução em grego da Tora, se, como indicam todas as fontes judaicas antigas, foi efetivamente comandada por Ptolomeu Sóter ou por seu filho Filadelfo, por conselho de Demétrio de Falero, pode ser interpretada como uma autêntica curiosidade, da parte do rei e de seu círculo, por uma sabedoria estrangeira, e como a preocupação pragmática de compreender e controlar uma cultura e crenças outras, ou mesmo de dispor da tradução em grego de um texto jurídico de referência, apropriando-se simbolicamente de um Livro que tinha a força de uma Constituição (*politeuma*), no coração do Palácio e no espaço cultural e linguístico do helenismo. 24

A assimetria parece evidente. Mas qual era o interesse dos judeus que colaboraram

ativamente na tradução, uma vez que ela foi feita, segundo a *Carta* do Pseudo-Aristeu, com o apoio de Eleazar, o sumo sacerdote de Jerusalém? Acaso a existência de uma versão grega da Bíblia, determinada pelo rei, não respondia à espera dos judeus helenófonos da capital lágida ou a um projeto de propaganda junto às elites pagãs? Pelo menos, essas traduções permitem aos hebreus, como aos egípcios, aos fenícios, aos babilônios, aos indianos e aos iranianos (*corpus* de Zoroastro), 25 entrar na literatura e no pensamento gregos. (p.50) Certos autores indígenas farão eles próprios o esforço do bilingüismo: o sacerdote Mâneto, originário de Sebenites, escreve, assim, em grego um tratado de história egípcia, que ele teria dedicado a Ptolomeu Filadelfo, no qual utilizou e traduziu numerosos documentos de arquivos sobre a cronologia das dinastias faraônicas. 26 Do mesmo modo, Beroso, sacerdote babilônio de Bel-Marduk, escreve uma história de seu país. Essas duas obras serão utilizadas pela erudição helenística. Uma das manifestações mais originais desse encontro de culturas é o desenvolvimento do judaísmo alexandrino, e em seguida da escola cristã de Alexandria: Filão e Clemente de Alexandria são os autores mais representativos dessas duas correntes.

A biblioteca, as grandes traduções, o patrocínio dos intelectuais: todos eles aspectos de uma política voluntarista, para a qual não se pouparam meios. Envia-se encarregados de missão às principais cidades onde se fazia o comércio dos livros, como Rodes e Atenas. 27 O mandato do rei, segundo a *Carta de Aristeu*, é de “reunir na íntegra, se possível, todas as obras aparecidas no mundo inteiro”, graças a aquisições e a transcrições sistemáticas. 28 Ptolomeu escreve cartas aos reis e a todos os que têm algum poder, pedindo-lhes que lhe façam chegar às mãos livros de poesia, de prosa, de retórica, de sofística, de medicina, de magia, de história e de qualquer outro campo, como se se tratasse de preencher as seções genéricas - as estantes - de um plano preestabelecido, abrindo mesmo a possibilidade de obras que fugissem a esta classificação...29 Os livros são confiscados a bordo de todos os navios que entram no porto de Alexandria, copiados por escribas - entrega-se a cópia ao proprietário e se deposita o original na biblioteca. Não se hesita, em certos casos, em furtar livros de grande valor, como as cópias oficiais dos trágicos atenienses, tomados emprestados contra uma caução insignificante e nunca devolvidos...30 Essas anedotas nos trazem uma informação preciosa: o que interessava aos Ptolomeus eram os livros, não os textos, isto é, a posse das obras originais, não das cópias. 31. Isso podia se explicar por uma razão de bom senso: as transcrições dos livros apanhados nos navios, sobretudo efetuadas apressadamente, tinham muitas chances de produzir um texto de pior qualidade que o *volumen* original, com erros, ou mesmo omissões e cortes. Mas, ao se apropriar dos originais, sobretudo quando se tratava de livros importados no Egito por viajantes vindos de longe, 32 o reino lágida afirmava seu poder simbólico sobre o conjunto da terra habitada, cujas regiões, cidades e etnias vinham se inscrever nas coleções da grande biblioteca. Da mesma maneira, o exemplar oficial das obras dos poetas trágicos atenienses, ao mesmo tempo em que oferecia a garantia do melhor texto possível, constituía também um objeto único, cuja posse, mesmo por meios contestáveis, reforçava o prestígio da capital egípcia. (p.51) Os primeiros membros da dinastia lágida praticaram a supervalorização para enriquecer as coleções da biblioteca, tanto que a tradição desapossa Ptolomeu Sóter do mérito de sua fundação, para atribuí-la a seu sucessor, Filadelfo. 33

A constituição das coleções da biblioteca é o fruto de uma política sistemática de aquisições, que busca a completude, a acumulação e todas as formas de saber e de criação confiadas à escrita, aptas a serem em seguida redistribuídas pela classificação nas grandes categorias literárias, teatro e poesia, ciências, história, retórica, etc. Este projeto enciclopédico não é senão a aplicação hiperbólica do programa intelectual da escola aristotélica.

Antes de descansar nas prateleiras do Museu, os textos em papiro são recopiados por escribas identificados com uma etiqueta em que se inscreve o nome do antigo proprietário do

livro, ou ainda o nome do revisor e do editor.³⁴ Guarda-se assim o vestígio da origem dos livros. A força simbólica da concentração dos livros num único e mesmo lugar deve sem dúvida muito a esse horizonte geográfico, que associa os textos a todas as cidades do mundo antigo, por autores ou proprietários interpostos, e ilustra assim o poder de atração do pólo alexandrino: os filólogos que trabalhavam no Museu podiam explorar variantes do texto homérico provenientes de Creta ou de Chipre, de Marselha ou de Sinope, atestando a dimensão ecumênica da coleção e, por conseguinte, do poder real que a reunira.

Com efeito, a "grande biblioteca"³⁵ de Alexandria funda uma nova relação com o tempo e o espaço. Há o tempo da busca dos livros, de sua acumulação progressiva que visa criar uma memória total, universal, abolindo a distância com o passado para propor num mesmo lugar de conservação todos os escritos humanos, os vestígios do pensamento, da sabedoria e da imaginação. A coleção afirma uma vontade de domínio intelectual ao impor uma ordem à acumulação de livros e de textos provenientes de regiões e de épocas muito variadas. ³⁶

Há, em seguida, a temporalidade particular própria da leitura dos intelectuais admitidos nesse lugar, navegações necessariamente limitadas e parciais nesse oceano de papiro, leitura que permite dialogar com os autores mais antigos, atualizar seus escritos ou seu pensamento, confrontá-los com os livros contemporâneos: a biblioteca gera diálogos diferidos, reiterados e impossíveis. Ela permite justapor idéias, fatos e informações formulados outrora por autores diferentes, separados no espaço e no tempo. Uma controvérsia, um problema ou uma idéia podem ser retomados a qualquer momento, resolvidos ou reativados fora de uma situação de interlocução viva. ³⁷ (p.52) Um enunciado científico, uma descoberta geográfica, a localização de um ponto no mapa podem ser rediscutidos por um leitor posterior. Há, enfim, o tempo da transmissão: o da própria dinastia, o da sucessão dos bibliotecários, dos gramáticos editores de Homero e dos intelectuais, na genealogia dos mestres e dos alunos, o tempo de um trabalho cumulativo, em que todo novo sábio se situa em relação a seus predecessores, em que todo poeta se situa em relação a modelos. O tempo das polêmicas, da filologia, da crítica das fontes e da imitação literária reintroduz a história, o progresso e a evolução.

O fantasma de uma memória absoluta em que a acumulação apagaria a especificidade dos tempos e dos lugares, os estratos da história e a imensidade de um ecúmeno que excede ainda as fronteiras reais dos reinos helenísticos ³⁸ não poderá impedir a emergência de novas fendas, entre os antigos e os contemporâneos: a tomada de consciência da historicidade dos saberes, da genealogia dos problemas e das diferentes soluções que foram propostas, já presente na biblioteca do Liceu bem como nos desenvolvimentos doxográficos de certos tratados de Aristóteles, se impõe doravante com força. Os intelectuais de Alexandria, de origens geográficas diversas, mantêm toda certa relação com o passado e a origem, como se a utopia livresca dos Ptolomeus não pudesse abolir a história: busca dos "primeiros inventores", dos corifeus das grandes disciplinas intelectuais; preocupação de estabelecer genealogias disciplinares; ³⁹ curiosidade pela origem dos usos e das crenças, pelos tempos míticos, pelas fundações de cidades, mas também pela história universal que, ela própria, pode ser escrita sob a forma globalizante de uma "biblioteca histórica" nas dimensões de uma só obra, como testemunhará Diodoro de Sicília, no século I a.C.

A relação da biblioteca com o espaço não é menos paradoxal. Alexandria é um centro magnético que atrai tanto os livros quanto os intelectuais, tanto os objetos preciosos quanto os animais raros. ⁴⁰ A terra habitada pelos homens, em sua imensidão e diversidade, se resume num lugar e se declina nas etiquetas que designam os livros por seus autores, seus editores, e eventualmente sua proveniência geográfica. Ptolomeu Sóter, filho de Lagos, e a dinastia que ele funda perpetuam o sonho de universalidade de Alexandre Magno, mas também, paradoxalmente, modificam sua lógica. A tradição historiográfica atribuía a

Alexandre o projeto de conquistar o ecúmeno, depois da expedição asiática: ele estaria pretendendo voltar-se para o Ocidente, quando a morte o surpreendeu na Babilônia. Os lápidas, por outro lado, querem encerrar o mundo habitado no interior de seu palácio, no coração de sua capital, afirmar a universalidade de seu poder pelo ajuntamento e a acumulação das amostras, dos seres vivos e dos livros, isto é, da memória coletiva do helenismo, já então desenraizada do solo das cidades gregas para ser enxertada na terra do Egito.

Eratóstenes de Cirene, o terceiro bibliotecário titular, não saberá resistir à biblioteca como convite à geografia. Há uma simetria impressionante entre a condensação do mundo num bairro de Alexandria, sob a forma de uma biblioteca universal, de coleções, de um parque zoológico, de uma comunidade de intelectuais vindos de todos os horizontes, 41 e essa nova maneira de visualizar o mundo, isto é, de apropriar-se dele sob a forma de um modelo miniaturizado e sinótico, a carta geográfica, traçada em Alexandria por Eratóstenes. 42 Ele dá ao ecúmeno a forma de um manto de guerreiro macedônio, a clâmide, 43 assimilando assim o macrocosmo e o microcosmo: com efeito, o plano da cidade, no desígnio de Alexandre Magno, tinha também, precisamente, a forma de uma clâmide. 44 E não se pode deixar de observar um outro jogo de espelhos entre a biblioteca e a cidade, uma vez que os cinco bairros de Alexandria eram denominados de acordo com as primeiras letras do alfabeto grego: Alfa, Beta, Gama, Delta, Épsilon. A cidade da biblioteca universal se oferecia à leitura como um abecedário, no qual o Pseudo-Calístene identificou uma mensagem acrônima: *Alexandros Basileus Genos Dios Ektisen (polin amiméton)*, “o Rei Alexandre, da raça de Zeus, fundou [uma cidade inimitável]”. 45

Essa vocação ecumênica e esse jogo entre o macro e o microcosmo, a expansão e a condensação reaparecem nos métodos de classificação da informação compilada: as coletâneas de maravilhas, de costumes ou os dicionários de palavras raras escolhem às vezes a ordem geográfica para arquivar a informação máxima num espaço a ser percorrido pela leitura. 46 O ecúmeno se torna assim o princípio de um vasto conjunto de lugares que se prestam a redistribuir e reorganizar a informação colhida no curso das viagens na biblioteca. Alexandria é um espaço utópico onde os literatos inventam uma nova relação com o local, que não deixa de lembrar sua nostalgia das origens: o lugar e o tempo, duas maneiras de enraizar os livros da biblioteca no espaço do helenismo. Com efeito, essa comunidade erudita, cosmopolita, imigrada, desarraigada, se interessará pelas curiosidades locais, pelos usos indígenas, por esses mitos das cidades e dos campos gregos que se tornam problemas intelectuais, sob o efeito da objetivação e do distanciamento próprios à escrita. 47 (p.54)

Mas se, a partir do novo centro do mundo, o olhar dos leitores se torna míope e se perde em paisagens particulares, não é apenas por fidelidade a uma origem e por orgulho patriótico, como Calímaco de Cirene. A Biblioteca de Alexandria cria um espaço abstrato do qual sábios de origens diversas vão poder apropriar-se. Esse espaço é o do helenismo, horizonte comum de textos, crenças, modelos intelectuais e tradições, que dependem, doravante, de tarefas coletivas - arquivar, editar, comentar, elaborar mapas, escrever a história, recensear. Poder-se-ia dizer que uma das chaves da cultura alexandrina é a relação paradoxal que ela mantém com a memória. No Egito, país cuja antiguidade fascinava os gregos desde Heródoto, Alexandre criou uma cidade nova. Ela deve dotar-se de uma memória artificial, para além das tradições sobre sua fundação, que a ligam a Proteu, o Velho do Mar da *Odisséia*. 48 A ausência de uma tradição e de uma memória locais explica talvez como a biblioteca, esse lugar de memória artificial, criado por uma política voluntarista, terá podido atrair e reter gregos de todas as origens. Vemos aparecer aqui o papel essencial da cultura (*paideia*) como elemento de coesão constitutivo da identidade helênica, substituindo as antigas solidariedades cívicas, familiares e territoriais, que vai marcar tão fortemente o conjunto do período helenístico e greco-romano. 49 A cultura alexandrina reside nesse jogo

entre a proximidade e a distância, entre a minúcia do trabalho erudito, absorvido pelo detalhe das palavras, e a amplitude do olhar retrospectivo que abrange todo o patrimônio escrito do helenismo: uma cultura viva, uma vez que os letrados estão impregnados das mesmas crenças religiosas, de referências literárias e de modelos intelectuais comuns; mas também uma cultura posta à distância pela mediação da escrita, constituída em *corpus*, em textos que suscitam a retificação, o comentário, a explicação, e que geram projetos de escritura que são outros tantos itinerários de leitura.

Ler para escrever

Ler para escrever: de fato, os leitores da Biblioteca de Alexandria são profissionais do saber e da pena - do cálamo [instrumento para escrita]. A biblioteca é seu horizonte, seu ambiente de vida: Eratóstenes, terceiro bibliotecário, passará nela cerca de quarenta anos. 50 Como é que eles liam? Como se situavam nessas coleções vertiginosas? Seguiam um método, ou se deixavam guiar pelos acasos da descoberta, pela acumulação das notas e pela marcação empírica dos documentos?

Lembremos que o livro ainda não é um códice que se folheia, e sim um *volumen* que se desenrola com a mão direita e que se enrola ao mesmo tempo com a mão esquerda. 51 A materialidade do livro e as exigências de seu manejo afetam as modalidades de apropriação do texto, o processo de construção do sentido, e isto vale, aliás, para o livro manuscrito, impresso ou apresentado na tela de um computador. Desenrolar, enrolar. A leitura, como de resto a escrita nesses rolos de papiro, é uma mecânica e uma viagem: entre 2,50 m e 12 m de uma fita vegetal frágil de manipular, numa altura média de 16 cm a 30cm. (p.55) O texto está escrito em colunas paralelas. O comprimento das linhas se adapta ao comprimento dos versos dos textos poéticos, mas há exceções. 52 Para a prosa, o comprimento das linhas é variável: como observa E.G. Turner, os discursos são escritos em colunas mais estreitas que a história e a filosofia, e os comentários (*hupomnémata*) ocupam às vezes colunas muito mais largas. 53 As palavras não são separadas, e uma pontuação sistemática, elemento essencial para a organização sintática da frase, parece surgir só tardiamente, assim como os acentos. 54 Num rolo de comprimento médio, era possível encontrar o texto integral de uma tragédia ou dois ou três cantos curtos de Homero. 55 Conforme o gestual adotado, era possível ter sob os olhos simultaneamente várias colunas de texto - quatro colunas permitiam ler entre 100 e 180 linhas, conforme o tamanho da letra, o que corresponde a poemas relativamente curtos, como as elegias, as sátiras, os epodos e as églogas. 56 O campo visual determinava pois um "contexto" no sentido próprio, que não deixava de ter efeitos semânticos, mesmo para textos breves como os epigramas, os fragmentos selecionados ou as notas eruditas nos textos-catálogo, que, por outro lado, se prestavam a uma leitura descontínua e fragmentária. Quando a viagem termina, o livro está enrolado pelo avesso, no fim do texto; às vezes ali se encontra de novo o nome do autor, o título e o número do rolo, e às vezes a primeira linha do rolo seguinte, no caso de obras em vários volumes.

O livro em forma de rolo se presta mais a uma leitura contínua e a um movimento linear (para a frente, para trás) que à procura de passagens precisas. As duas mãos são mobilizadas. Na ausência de paginação 57 e na impossibilidade de inserir marcadores para indicar as interrupções da leitura o que permitem as páginas do códice escritas em reto-verso 58 -, o rolo de papiro solicita a memória do leitor. Compreender a natureza das operações intelectuais e mnemotécnicas implicadas pela leitura é de uma importância crucial para interpretar o trabalho dos sábios e dos letrados alexandrinos. O próprio fato de que seus escritos multiplicam as referências, explícitas ou não, a reutilização de materiais eruditos ou de palavras raras, e mesmo os jogos de referências intertextuais de um autor para outro, indica claramente que a leitura se encontrava na origem de todo texto alexandrino. O livro medieval,

na forma de códice, pôde dar lugar a artifícios de memória sofisticados, (p.56) repousando às vezes numa analogia estreita entre a configuração material de uma página precisa e sua imagem interiorizada, sua "fotocópia mental" (diferentes espaços de escrita no interior da página, miniatura, cores, letra inicial iluminada etc.). 59 O rolo de papiro alexandrino oferecia apenas a sucessão linear de colunas de escrita sem separação das palavras, com pontos de referência visuais muito menos patentes: 60 intervalos, chanfraduras para sublinhar visualmente a passagem de uma forma métrica a outra (por exemplo, nas tragédias), um traço vertical posto entre duas linhas para distinguir os parágrafos (por exemplo, a citação de um verso num texto em prosa ou as mudanças de interlocutores nos textos dramáticos). Às vezes, encontram-se escritos na margem esquerda da coluna os títulos dos poemas reunidos em coletânea (por exemplo, numa edição de Píndaro ou de Baquilides).

E, no entanto, as próprias exigências do suporte tornavam necessárias práticas de memorização, no decurso da leitura. Procurar uma passagem particular num rolo devia ser uma tarefa difícil. Não se pode falar em paginação, embora em certos papiros as colunas de texto fossem numeradas. 61 Aliás, E.G. Turner não hesita em dizer que tal suporte "não encorajava o trabalho erudito cuidadoso", e até mesmo explica o fato de que os autores antigos tenham sido pouco inclinados a verificar suas referências, ou ainda tenham preferido escolher seus exemplos métricos ou gramaticais nos primeiros versos de um poema, isto é, bem no começo do rolo. 62 Referiam-se, pois, a suas leituras citando, as mais das vezes de cor, o nome do autor, às vezes o título de sua obra, o número do livro, isto é, do rolo de papiro, mas a "referência bibliográfica" não ia muito além. A prática habitual consistia em atribuir a um autor uma idéia ou um enunciado, mesmo sob a forma de falas relatadas no estilo indireto. A escritura dos poetas alexandrinos se apresenta como um vasto processo de reativação de uma memória de leitores, em que palavras, hemistíquios [Cada uma das duas partes de um verso dividido em dois], esquemas métricos são reutilizados, num jogo de variações e alusões que exige a mesma virtuosidade dos destinatários desses poetas, a saber, uma capacidade de refazer novamente as ligações entre um texto e aqueles aos quais ele remete, que ele pressupõe, que imita, ou mesmo que plagia.

A memória permanece, pois, o suporte indispensável da escrita: ela permite a recomposição, a seleção, a mobilização das lembranças de leitura num novo projeto literário ou científico e, como tal, é compartilhada pelo autor e por seu leitor e constitui o horizonte de inteligibilidade do texto. 63 A memória visual podia ser um componente desse processo, pela relação que se estabelecia entre a superfície do papiro materialmente visível e o *locus* de uma passagem, seu contexto no sentido próprio. (p.57).

Conforme seu comprimento, um rolo pode conter uma obra completa ou uma de suas partes. O inventário das coleções da biblioteca do palácio, no tempo de Ptolomeu II Filadelfo, preservado pelo tardio Tzetzes, 64 dá a cifra de 90 mil rolos "não misturados" (*amigeis*), que contêm uma obra inteira ou vários textos breves do mesmo autor, e de 400 mil rolos "misturados" (*summigeis*), que se adicionam, isto é, rolos que contêm cada qual um livro - um tomo - diferente de uma mesma obra, como demonstrou recentemente Luciano Canfora: 65 as *Histórias filípicas* do historiador Teopompo compreendiam 58 rolos, as *Histórias* de Políbio, 40, as *Tábuas* de Calímaco, às quais voltaremos, eram compostas de 120 rolos.

Se aceitarmos essas cifras, a biblioteca no tempo de Calímaco e de Eratóstenes continha cerca de 500 mil rolos. O número das obras era sem dúvida claramente inferior, se admitirmos que os diferentes "livros" de uma mesma obra constituíam outros tantos "rolos" distintos. A política sistemática de aquisições praticada pela biblioteca favorecia certamente também as cópias múltiplas de uma mesma obra, que ofereciam outras tantas variantes de um mesmo texto. Todavia, o conjunto constituía a mais vasta coleção de livros da Antiguidade. O poeta Calímaco, ligado à biblioteca sem ser dela o responsável efetivo, 66 empreendeu a tarefa de recensar-lhe as riquezas. Suas *Tábuas dos autores que se ilustraram em todos os*

aspectos da cultura e de seus escritos, em 120 rolos, se prendem a um duplo projeto. 67 Elas estão evidentemente em relação com as coleções da biblioteca, mesmo que esta não seja explicitamente mencionada no título. 68 Embora não se trate, sem dúvida, de um catálogo no sentido estrito, 69 essas *Tábuas* têm uma função de guia bibliográfico apto a orientar as pesquisas dos hóspedes do Museu. Seu objeto é tanto o conteúdo quanto a estrutura da biblioteca. Com efeito, essas *Tábuas* são recortadas em grandes rubricas - a epopéia, a retórica, os filósofos, os historiadores, os médicos, a poesia e seus diferentes gêneros etc., que refletem talvez a repartição dos livros em diferentes *armaria*, ao longo do *peripatos* do Museu, 70 Existia até mesmo uma seção para as obras diversas, na qual Calímaco havia particularmente recenseado quatro autores de manuais de confeitaria. 71 No interior de cada rubrica, os autores são enumerados por ordem alfabética, com algumas informações biográficas e a lista das obras atribuídas. Deste modo, se passaria de um princípio de classificação topográfica para um princípio convencional de catalogação. Alguns testemunhos sugerem que as *Tábuas* comportavam também o número de linhas dos textos recenseados e seu *incipit*, ou mesmo tomavam partido a respeito de problemas de autenticidade e de atribuição. 72 (p.58) Tais menções pressupõem, com toda evidência, o recurso aos próprios livros. Pode-se supor que os rolos da biblioteca tinham pequenas etiquetas, como alguns dos papiros literários encontrados no Egito, coladas no dorso do rolo e sobressaindo da prateleira para permitir a identificação do autor (nome no genitivo) e do título do livro. 73

Como sublinha Luciano Canfora, 74 os "Catálogos de Calímaco só eram utilizáveis por aqueles que já eram conhecedores dos lugares". E é tentador evocar aqui uma anedota relatada por Vitruvius, mesmo que seu testemunho a respeito de Alexandria possa estar sujeito a caução (por exemplo, quando ele considera que a Biblioteca de Pérgamo foi fundada antes da de Alexandria e lhe serviu de modelo!). 75 Segundo Vitruvius, Ptolomeu instituiu jogos em homenagem às Musas e a Apolo, com recompensas para os escritores que saíssem vencedores. O rei formou um júri de seis alexandrinos e, para completá-lo com um sétimo, pediu "àqueles que se encontravam na chefia da biblioteca" que lhe sugerissem um candidato preparado para essa tarefa. Eles mencionaram então um certo Aristófanes, que, com a maior atenção e a maior aplicação, dia após dia, lia do princípio ao fim todos os livros da biblioteca, e na ordem. Esse leitor assíduo e metódico era o mais indicado para participar do júri. O primeiro concurso era o de poesia. Os seis outros jurados estavam dispostos a dar o primeiro prêmio a um poeta que, visivelmente, obtivera um grande sucesso popular, o segundo, àquele que fora mais aplaudido depois dele, e assim por diante. Mas Aristófanes se distinguiu, escolhendo o poeta que foi o menos apreciado pelo povo. Indignação do rei e da assistência. Aristófanes levantou-se e, em meio ao silêncio geral, declarou que um só dos concorrentes era um verdadeiro poeta, e que os outros recitaram obras que não eram deles. A assembléia ficou estupefata, o rei estava céptico. O jurado devia justificar-se. "Confiando em sua memória, ele tirou de certos *armaria* um grande número de rolos e, comparando esses textos com os que haviam sido recitados, forçou os autores a confessar que os tinham roubado". 76 Eles foram punidos. Quanto a Aristófanes, o rei lhe deu as maiores gratificações e o pôs na chefia da biblioteca.

Essa anedota 77 nos relata como Aristófanes de Bizâncio (257-180 a.C.), um dos maiores nomes da filologia alexandrina, se tornou o responsável pela biblioteca e sucedeu assim a Eratóstenes, que talvez já tivesse atingido o limite de idade de oitenta e dois anos. A memória constitui o tema central dessa narrativa. Memória dos falsos poetas, que recitam as obras de outrem, recitação diferente daquela dos rapsodos, que tinham uma parte ativa de criação e de remodelagem dos materiais da tradição, uma vez que ela se apóia aqui na totalidade dos textos contidos na biblioteca. 78 (p.59) Quanto à *performance* espetacular desempenhada em público por Aristófanes, ela remete, sem dúvida alguma, às técnicas da memória, em uso tanto na sofística grega como nas retórica e educação greco-romanas,

repousando num conjunto ordenado de “lugares” nos quais a informação podia ser codificada sob a forma de imagens. Pois é o mesmo processo mnemônico que permite a um só tempo comprovar o flagrante delito de plágio, identificando o contexto e o autor original dos poemas recitados pelos concorrentes indelicados, e encontrar os próprios rolos de papiro no interior da biblioteca. Vitruvius nos dá provavelmente a chave da memória de Aristófanes, quando esclarece que este lia todos os livros em sua totalidade (*perlegeret*) e “na ordem” (*ex ordine*), a saber, em sua sucessão nas prateleiras, e na sucessão dos *armaria* ao longo do pórtico. 79 A memorização dos livros é regida pelo mesmo princípio de ordem linear e contínua que a memorização da arrumação geral da biblioteca. 80

Se as *Tábuas* de Calímaco refletem a disposição topográfica dos *armaria* - perípato do Museu de Alexandria e sua vocação para reunir todos os textos relativos a um campo de saber ou a um gênero literário particular, então fica claro que um dos aspectos fundamentais da organização da biblioteca e do domínio intelectual que ela pressupunha em seus usuários reside nessa ordem espacial, que supunha que se pudesse associar a lembrança de uma leitura a um dos armários e, no interior deste, a uma prateleira precisa. 81 Vitruvius nos convida a refletir sobre a memória do leitor alexandrino, confrontado com cerca de 500 mil rolos, que só podia confiar num percurso metódico ao longo das estantes, cuidadosamente memorizado, para ter a certeza de reencontrar, livros que tinha lido. 82 Assim mesmo, era preciso que um texto estivesse disposto em seu lugar e classificado na categoria adequada, uma vez que a localização de um livro traduzia uma forte decisão intelectual sobre seu relacionamento com um campo de saber ou com um gênero literário. É significativo que alguns dos poucos testemunhos antigos sobre as *Tábuas* de Calímaco se refiram precisamente a erros de atribuição ou classificação: “Calímaco erra ao catalogar Pródicos entre os retóricos, pois está claro que ele é um filósofo”. 83 O erro de catalogação se traduzia, de fato, numa arrumação errônea do rolo numa estante onde não tinha seu lugar. Acrescentemos um estranho jogo de eco entre a narrativa de Vitruvius e os fragmentos conservados de Aristófanes de Bizâncio. Encontramos aí, inicialmente, uma revisão e um complemento das *Tábuas* de Calímaco, o que só uma verificação sistemática do conteúdo da Biblioteca de Alexandria permitia. 84 E, sobretudo, Eusébio de Cesaréia, citando Porfírio, nos informa que Aristófanes de Bizâncio compôs (p.60) uma obra de “Citações (*eklogai*) paralelas de Menandro e dos autores que ele plagiou”: 85 exatamente o mesmo exercício de memória letrada encenado por Vitruvius!

Mas os *Pinakes* de Calímaco, provavelmente, não se limitavam a essa função de “tábuas de orientação” na organização das coleções da biblioteca. O próprio título sugere um projeto intelectual mais vasto: trata-se de um monumento à glória do helenismo, de um “léxico nacional dos escritores de língua grega”, 86 dando uma visibilidade nova ao projeto dos Ptolomeus. Se cerca de 500 mil livros já se encontravam nas coleções no tempo de Ptolomeu II Filadelfo, era preciso dispor de um instrumento de mediação entre os rolos de papiros e as obras, substituir por um inventário metódico a simbólica da acumulação. Sem dúvida, as *Tábuas* são inspiradas pelo mesmo sonho de totalidade que o conjunto da biblioteca. Mas, como escreve Roger Chartier a propósito dos livros-catálogo do século XVIII, “uma biblioteca universal (pelo menos numa ordem do saber) só podia ser imaterial, reduzida às dimensões de um catálogo, de uma nomenclatura, de um recenseamento”. 87 Com efeito, trata-se nada menos que de condensar uma biblioteca num tratado – aqui 120 rolos –, um livro dos livros, uma ordenação do mundo da escrita, onde a acumulação é regida pelo recorte do saber, sujeita a uma razão classificadora que não deixa de lembrar os grandes empreendimentos de ordenação do Liceu aristotélico. As *Tábuas* permitem circunscrever a acumulação, classificá-la, hierarquizá-la, quantificá-la através de listas, catálogos e dispositivos transversais e, ao mesmo tempo, reunir critérios de descrição unívoca do livro, para evitar as confusões resultantes da similitude dos títulos ou dos autores. Tais projetos bibliográficos, ao longo da história, tiveram muitas vezes a tarefa de compensar as lacunas

das bibliotecas reais, ou mesmo de definir uma "biblioteca ideal, liberada das limitações que impõe toda coleção particular: uma biblioteca das bibliotecas, imaterial, virtual". 88 Mas, em Alexandria, a universalidade das *Tábuas* coincide com a universalidade da biblioteca, ela a duplica de um modo condensado e quase cartográfico. 89

Condensação da memória escrita do helenismo, a biblioteca engendra práticas intelectuais em que a leitura é indissociável da escrita. Aí reside a verdadeira dimensão de Alexandria como de toda biblioteca onde, segundo a expressão de D.F. McKenzie, "novos leitores criam textos novos, cujas significações novas dependem diretamente de suas novas formas". 90 A acumulação dos livros suscita formas de escrita específicas, que têm como vocação controlá-la e dominá-la, ativar uma memória total, mas virtual. (p.61) A biblioteca forja um olhar de leitor, distanciado, atento à forma, à literalidade e à própria literalidade da obra.

A multiplicação dos livros, os problemas de atribuição e autenticidade, a proliferação das variantes na ausência de qualquer norma de estabelecimento e de reprodução dos textos explicam a emergência das técnicas da edição filológica, uma das atividades essenciais da erudição alexandrina. 91 Se as bibliotecas filosóficas em Atenas tinham como tarefa preservar os textos originais e fundadores da escola, isto é, salvaguardar textos autógrafos e autênticos, Alexandria deve recorrer a um método artificial, a uma técnica, para reabsorver a pluralidade das variantes num texto único. 92 A edição filológica não se assemelha a um processo de "publicação", no sentido moderno do termo. É esse trabalho executado na e para a biblioteca. E só muito lentamente se verá esse trabalho difundir-se fora da biblioteca e manifestar-se, por exemplo, nos papiros literários encontrados no Egito. 93 Zenódoto, o primeiro bibliotecário, também o primeiro editor de Homero, no sentido alexandrino. Entre seus colegas, que pertencem à primeira geração de sábios trabalhando na biblioteca, Alexandre, o etólio, se ocupava dos textos trágicos, e Licofrone, das comédias. 94 O plano parece organizado: tratava-se de lançar um olhar crítico e distanciado sobre as diferentes versões das grandes obras literárias do helenismo, no âmbito de uma classificação dos gêneros literários. A partir daí, os textos ficam presos a uma tradição em que se acumulam alterações, interpolações, esquecimentos e simples erros de cópias, outras tantas escórias que é preciso limpar para ler Homero, Aristófanes ou Eurípides. Reabsorver a pluralidade das variantes num texto único, operando escolhas críticas e, eventualmente, justificando-as, é privilegiar a qualidade do texto sobre a quantidade dos livros e pôr ordem entre as cópias múltiplas de uma mesma obra literária, todas diferentes por seu comprimento, pelo número e pela ordem das linhas, e às vezes por sua própria literalidade. Pelo visto, poderíamos concluir que a conservação de todos os livros é talvez tão perigosa para a transmissão dos textos quanto as áleas da memória oral. A conservação total, que se inscreve na lógica do fantasma de acumulação dos Ptolomeus, equivaleria a saturar a memória com variantes múltiplas, nas quais é mais certo o leitor se perder que nas areias do Egito: a decisão crítica se impõe - retificar, editar, isto é, substituir uma versão única a uma disseminação ingovernável, romper com a tradição para proceder a reconstituições.

Através desse novo olhar dirigido pelos bibliotecários para a literalidade dos textos, vemos se desenvolver uma hierarquia implícita de níveis: (p.62) *o autor e a obra* (a *líada* de Homero); *o livro* (objeto material, composto de vários rolos de papiro, existente em vários exemplares, cuja proveniência e proprietários anteriores eventualmente se conhecem); *o texto* (sucessão de microproblemas, 95 de corrupções locais, de deslocamentos, de acréscimos e desaparecimentos de palavras ou frases, de dificuldades a serem interpretadas). Um dos objetivos da filologia alexandrina talvez seja reabsorver o intervalo entre esses três níveis, fazê-los coincidir ao máximo. Com esse objetivo, vemos surgir uma nova instância, *o editor* (*diorthôtes*), intermediário entre o autor, o texto e o leitor. Ele cria um novo objeto intelectual, um texto que existe independentemente da acumulação dos livros no interior da biblioteca e

das vicissitudes de sua transmissão, mas resulta de uma intervenção crítica ativa. Contrariamente aos atores anônimos da transmissão anterior, o editor se apresenta no primeiro plano, como autor de escolhas cruciais sobre a letra e o próprio sentido do texto. Mas, ao mesmo tempo, ele abre um novo espaço de polêmicas e indecisões. Editar o texto de Homero é reconhecer sua natureza problemática. O texto é doravante objeto de controvérsias. De um editor alexandrino a outro, há por vezes transmissão e acumulação de conhecimentos, mais frequentemente polêmicas e correções em segundo grau, visando as retificações introduzidas pelo seu predecessor. 96 Zenódoto não foi o autor da edição definitiva do texto de Homero, como também não o foram seus sucessores, Aristófanos de Bizâncio e Aristarco, que abriram o caminho da longa história da filologia homérica.

Mas como se apresentava uma edição de texto em Alexandria? Seu autor escolhia provavelmente um "texto de referência", 97 isto é, um ou vários rolos de papiro, e inscrevia na margem que separava cada coluna do texto, à esquerda do verso ou da passagem em questão, um signo pictográfico que materializava uma decisão crítica. A edição era, pois, mais uma leitura crítica e anotada que a redação integral de um novo texto. Aliás, o pouco espaço disponível entre cada coluna de texto só permitia o uso de signos convencionais e não de anotações detalhadas. Zenódoto inventou e utilizou o *obelós* (o óbelo), que lhe permitia assinalar os versos que decidia suprimir, por motivos de conveniência, repetição ou contradição. Aristófanos de Bizâncio desenvolveu ainda mais esse sistema de signos. 98 O asterisco marcava as linhas repetidas, o *sigma* e o *antisigma*, as linhas consecutivas que tinham a mesma significação, e que eram, por isso, permutáveis. Aristarco também acrescentou novos signos, como a *diplê periestigmenê* (diple), em que manifestava sua discordância da leitura de Zenódoto, ou ainda o asterisco acompanhado do óbelo, que designava versos autênticos, mas que tinham sido deslocados de seu lugar de inserção original. (p.63). O signo "X" chamava a atenção para uma curiosidade da expressão ou um enigma a ser resolvido. 99

Com Aristarco, a crítica textual alexandrina não altera o texto, mas o cerca com uma franja de signos que o balizam, modalizando-o, e sugerem deslocamentos, supressões ou comentários. 100 Trata-se de uma estrita economia gráfica, regida por um sistema de pictogramas que cada editor podia adaptar e personalizar. Como observa James I. Porter, a edição filológica alexandrina é um "palimpsesto transparente" aplicado sobre o texto. 101 O rolo de papiro assim marcado por signos marginais sobrepunha o traço visível de uma leitura, ou mesmo de leituras múltiplas, reiteradas e recorrentes, à linearidade do texto, escalonando-se em linhas do mesmo comprimento e alinhando-se em colunas da mesma altura. A decisão final - incorporar ou excluir um verso, deslocá-lo no corpo do texto - cabia ao leitor, que podia ou não aceitar a proposta do editor. Esse leitor era, ele próprio, um profissional da filologia homérica, ou mesmo um editor potencial, e não o "grande público", nem mesmo o público letrado que, como testemunham os papiros contemporâneos, ainda lia Homero através das formas pré-alexandrinas de seu texto. A difusão das edições dos filólogos alexandrinos consistia, pois, menos em copiar um texto novo que em transportar, num outro exemplar, o conjunto dos signos críticos marginais traçados pelo mestre.

A edição suscita o comentário. Era essa, aliás, a função dos signos convencionais, chamar a atenção do leitor profissional para um ponto problemático do texto que merecia uma discussão numa obra autônoma - o comentário -, seja para justificar as escolhas críticas, seja para esclarecer os conteúdos do texto e os *realia* aos quais se referia. Em geral, esses comentários vinham explicar e justificar o signo marginal, cuja motivação permanecia sibilina. Podia tratar-se de explicações orais, como no caso de Zenódoto que até onde vão nossos conhecimentos, não parece ter redigido comentários para explicar suas decisões críticas. Os pictogramas marginais funcionavam, então, para seus ouvintes (estudantes?) como outros tantos signos mnemotécnicos, que recriavam um laço entre uma explicação oral e o

focus do texto ao qual ela se aplicava. 102 Mas os sucessores de Zenódoto confiaram à escrita a significação de suas anotações críticas. 103

Esse dispositivo, constituído por um texto balizado com signos marginais e um comentário distinto, sugere a leitura paralela de dois rolos de papiro, com os problemas de sincronização e manuseio que podemos imaginar. (p.64) Era talvez para dar uma autonomia ao rolo do comentário que nele se reproduzia uma breve citação do verso ou da passagem discutidos (o *lemma*), remetendo assim ao texto original. 104 Essa forma de comentário linear (os *hupomnēmata*) coexistia com tratados monográficos (os *suggrammata*) dedicados a um assunto particular. 105 Neles, os autores podiam reorganizar segundo uma ordem temática as diferentes interpretações recolhidas nos *hupomnēmata*. O que era na origem uma sucessão de explicações pontuais, no quadro de um comentário linear e contínuo do texto, tornava-se então um conjunto de objetos intelectuais e semânticos autônomos. Um dos melhores exemplos é o tratado consagrado por Aristarco à disposição dos navios gregos, na *Ilíada*, e a sua colocação relativamente ao muro do acampamento, discussão que vinha acompanhada por um "diagrama" ilustrativo: 106 uma vasta erudição mitográfica, literária, gramatical e geográfica era mobilizada para esclarecer o texto.

Erudição: tal é, com efeito, a impressão imediata de todo leitor moderno dos textos e fragmentos alexandrinos. A poesia e a prosa veiculam doravante uma massa inédita de informações, de *realia* e de referências. Se a Biblioteca de Alexandria, ordenada pelas *Tábuas* de Calímaco, se apresenta como um *corpus* organizado por subdivisões genéricas rigorosas, em que os textos têm um título, um comprimento, um *incipit* e um autor, ela é também um vasto espaço oferecido às navegações da leitura: espaço de compilação e busca da informação, mas também de produção de objetos de saber, móveis e transmissíveis, graças às operações da técnica letrada e aos jogos de associação produzidos pela memória dos leitores.

A biblioteca, como imensa base de dados, se presta à descontextualização dos enunciados e dos fragmentos de saber, à sua circulação e às suas permutas. A literatura erudita de Alexandria se alimenta desses caminhos de leitura em que, ao longo dos rolos, extraem-se informações, para redistribuí-las em novos textos temáticos, em listas, catálogos e dicionários, formas abertas a uma expansão perpétua, e que duplicam, no formato do livro, o modelo de acumulação infinita constitutivo da biblioteca. Com efeito, a leitura gera formas de escrita específicas. A própria continuidade do texto literário e o encadeamento dos versos e das palavras constituem como que um vasto conjunto de "lugares" de memória, ligados pelo fio condutor da leitura, capazes de reativar objetos de saber - notas pontuais, variantes morfológicas de uma palavra, lista de curiosidades, esclarecimentos sobre um nome próprio, etc. Escrever a partir dos textos lidos, nas diferentes formas que são o comentário linear, a monografia ou o léxico, consiste, antes de mais nada, em produzir saber a partir dos "lugares" textuais, (p.65) segundo uma lógica ao mesmo tempo digressiva e analógica. Por exemplo, um papiro de Oxirinco, datado do século I a.C. mostra como o canto VII da *Ilíada* serve de pretexto para uma longa lista de nomes que existem sob duas formas diferentes, e para uma exposição sobre os costumes funerários, enquanto outro papiro (século I d.C), consagrado ao canto XXI, desenvolve uma digressão de história natural a propósito do verso 203, em que são mencionados de maneira distinta os peixes e as enguias. 107 Trata-se efetivamente de lugares de memória, nos quais estão armazenados fragmentos do saber coletivo. Poder-se-ia sugerir uma analogia com a noção contemporânea de hipertexto, em que o leitor estabelece laços entre os enunciados, independentemente de sua proximidade física num texto real. O hipertexto se presta a uma nova formatação e a uma redistribuição da informação, de acordo com fios condutores que são traçados pelo próprio leitor, seguindo o curso de sua reflexão e de suas perguntas, mas sobretudo de sua memória. 108

Encontramos frequentemente, na literatura helenística, obras que desempenham o papel de encruzilhadas, de interfaces entre textos-fonte e textos-alvo, verdadeiros dispositivos

de triagem, classificação e redistribuição da formação, que são como que a materialização livre das bibliotecas imateriais armazenadas na memória dos letrados da Idade Média. 109 São as coleções de palavras raras, de curiosidades naturais, culturais, lexicais ou semânticas colhidas ao longo dos textos antigos, que podem ser redistribuídas em novos textos, em ordem alfabética e/ou temática, ou conforme as regiões geográficas e os diferentes dialetos. Nas *Denominações étnicas*, Calímaco anota as diferentes formas dos nomes de peixes, de ventos etc., nos dialetos gregos. Reunir todos os livros gregos numa só biblioteca contribuiu provavelmente para essa utopia linguística em que se declinam as falas locais das cidades e palavras raras, incompreensíveis sem dicionário. Os léxicos e as coletâneas de glosas, não classificados, ou classificados (em ordem alfabética, temática, geográfica), constituem uma constante da erudição alexandrina, desde Filitas de Cós. Aristófanes de Bizâncio, figura emblemática do leitor alexandrino, compôs um número impressionante dessas coletâneas: *Das palavras suspeitas de não terem sido usadas pelos antigos*, 110 *Da denominação das idades* (dos homens, das mulheres, dos animais domésticos, dos animais selvagens, das aves...), 111 *Dos nomes de parentesco*, 112 *Expressões áticas*, 113 *Glosas lacônias*, 114 *Provérbios não métricos*, 115 *Provérbios métricos*. 116 Calímaco também reuniu uma *Coleção das maravilhas de toda a Terra, classificadas por lugares*: essas curiosidades foram recolhidas ao longo de suas leituras de Eudóxio, de Teopompo e de Teofrasto. (p.66) Conservamos alguns fragmentos de suas outras obras, ligadas às mesmas práticas de catalogação: *Dos costumes bárbaros*, *Das fundações de ilhas e cidades*, *Dos rios do mundo habitado*. Aristófanes de Bizâncio também escreveu uma obra, *Das cortesãs*, que, conforme os três fragmentos conservados, relacionava 135 mulheres atenienses de vida fácil, provavelmente encontradas nos textos, cômicos, e explicava a origem de seus nomes e apelidos. 117 Todo o problema é saber se esses textos-catálogo são notas de leituras pacientemente acumuladas ao longo de uma vida letrada, e na própria presença dos textos lidos, ou se são de um ato de rememoração, em que o autor busca em suas lembranças de leitura, isto é, em sua biblioteca mental, o conjunto dos extratos ligados a um mesmo campo temático.

Mobilidade dos fragmentos de saber atomizados, unidades mínimas do conhecimento, fatos brutos e palavras raras que passam assim de um livro para outro: a multiplicidade das fontes, a diversidade dos contextos se apagam no princípio do catálogo. O texto alexandrino é como uma *mise en abyme* da biblioteca: é uma coleção no interior da coleção (*sunagôge*). Reflete a vocação da biblioteca: acumular, presa da vertigem do saber universal e da exaustividade numa busca propriamente infinita. Exemplos do fantasma alexandrino, esses textos poupam longas caminhadas de rolo a rolo, oferecem um saber formatado, distribuído segundo entradas temáticas, que se presta, a partir daí, a uma reciclagem perpétua e a novas contextualizações, quer se trate de abrir novos catálogos, redistribuindo a informação segundo entradas diferentes, quer a eles se refira um naturalista, um historiador, um poeta, um geógrafo para encontrar as informações pontuais de que precisa, sobre o modo de vida dos insetos, o coaxar das rãs, um ritual religioso da Arcádia, topônimos cretenses, uma variante mítica rara ou uma palavra grega saída do uso linguístico corrente. Tanto os poemas de Calímaco quanto os *Argonáuticos* de Apolônio de Rodes e, mais tarde, no tempo de Adriano, a *Descrição da terra habitada* de Dionísio, o Periegeta, para dar apenas alguns exemplos, testemunham essa reciclagem vertiginosa das lembranças de leitura. Trata-se de um motor essencial na transmissão do saber na época alexandrina, e os trabalhos dos autores de *hupomnêmata* e de *suggrammata* puderam, graças a esse processo de compilação, alimentar os escólios nos códices bizantinos e chegar até nós, sob uma forma certamente truncada, no fim desse longo processo de digestão erudita. 118

Essas listas e esses catálogos não deixam de se relacionar com os cadernos de "lugares-comuns", estudados recentemente por Ann Blair, 119 nos quais os letrados da Renascença consignavam, durante toda a vida, sob entradas temáticas, suas notas de leitura, materiais

brutos prontos para serem reutilizados em (p.67) novos livros. Como os catálogos alexandrinos, essas coletâneas são dispositivos produtores de saber e texto. A acumulação é a figura essencial, e se acomoda com a repetição e as contradições. Ela privilegia mesmo, em sua lógica taxinômica, os fatos mais estranhos e os menos certos. Lembremos, por memória, a *História natural* de Plínio, o Velho, no século I de nossa era, em que ele se orgulha de ter acumulado em 36 volumes mais de 20 mil assuntos, extraídos de 2 mil volumes escritos por uma centena de autores... 120

Os 490 mil rolos de Alexandria constituem uma memória total, mas saturada, difícil de ser gerida, e favorecem a emergência de dispositivos textuais que dêem melhor visibilidade aos conteúdos do saber. Os resumos, os extratos escolhidos e as doxografias são outras tantas manifestações da "tensão entre a exaustividade e o essencial", que Roger Chartier observa nos florilégios portáteis do século XVII, obcecados pela eliminação, triagem e redução. 121 Serão eles a única oportunidade de preservar a legibilidade no espaço da acumulação? A história da filosofia antiga, para desespero, às vezes, dos modernos, se resume num catálogo de opiniões, de *doxai* descontextualizadas. Os tratados biológicos de Aristóteles e Teofrasto se difratam nas perguntas-respostas concisas dos *Problemas* pseudo-aristotélicos ou nos catálogos de *mirabilia* dos paradoxógrafos, em que a acumulação caleidoscópica dos dados supre a ordem intelectual.

A poesia alexandrina testemunha o mesmo jogo de *mise en abyme* entre a biblioteca e os textos que ali se escrevem. Essa poesia, em suas formas mais letradas, se aproxima de uma literatura experimental, escrita por e para grandes leitores. 122 Ela se alimenta da memória das leituras, se constrói na referência, na imitação, na alusão, senão na polêmica. 123 Poder-se-ia aplicar integralmente à poesia alexandrina esta reflexão de Michel Schneider: "De que é feito um texto? Fragmentos originais, combinações singulares, referências, acidentes, reminiscências, empréstimos voluntários". 124 O trabalho dos editores e filólogos sobre a língua grega, seu léxico, sua prosódia, só podia se refletir na escritura poética: muitas vezes, a escolha de uma palavra ou imagem é em si um ato crítico, uma tomada de posição nos debates dos filólogos que editam Homero ou Hesíodo. Pois, como observa Roberto Pretagostini, a imitação dos autores mais antigos toma um sentido novo quando seus textos são fixados literalmente, são editados, e constituem o objeto de polêmicas filológicas. 125 A poesia é indissociável da poética, 126 a tal ponto ela afirma opções estéticas fortes, pelos modelos que ela reivindica ou recusa, ou mesmo que ela subverte, com essa mistura de ironia e virtuosidade cara aos literatos alexandrinos. (p.68) Os leitores, compartilhando dos mesmos códigos e referências, saboreavam como conhecedores esses jogos de imitação e variação mais ou menos criptografados. A leitura era uma arte da memória, sensível à musicalidade das palavras, à particularidade das formas e ao ritmo dos pés. Os dialetos gregos se fundem em Alexandria numa língua artificial, sem ligação com as práticas linguísticas do cotidiano: língua que cultivava frequentemente a obscuridade, o arcaísmo ou a forma rara, e que dá, com deleite, novo conteúdo semântico a palavras escolhidas a dedo nas coleções lexicográficas. Reencontramos na poesia o jogo de distância e de proximidade tão característico do conjunto da cultura alexandrina: escrever em grego, levando a língua a seus limites extremos, exumando sua memória morfológica, semântica e contextual, e convidando ao supremo prazer de decifrar como um idioma estrangeiro a linguagem dos próprios antepassados...

As dinâmicas do saber

A cultura de Alexandria se reduziria a essas metamorfoses do escrito, à circulação vertiginosa das palavras e dos objetos de saber que fariam da biblioteca uma das antecipações dos hipertextos contemporâneos?

Isso seria negligenciar as verdadeiras motivações intelectuais desses processos, que

contribuem ativamente para a produção de conhecimentos. Sem dúvida, o patrocínio real favorece o desenvolvimento de uma pesquisa fundamental, que pode se apoiar na observação direta, e mesmo na experiência: as dissecações do médico Herófilo, a mecânica de Herão e de Filão de Bizâncio, as medidas geodésicas de Eratóstenes. 127 Mas, mesmo nessas disciplinas, a biblioteca se apresenta como o instrumento privilegiado do trabalho científico. Ela oferece o *corpus* no qual o médico (pensemos em Galeno, no século 11 de nossa era), o geógrafo, o etnógrafo e o historiador encontrarão os materiais necessários a seu empreendimento.

Todo saber se funda no saber precedente. O conhecimento é cumulativo e se desdobra em tradição. A biblioteca capitaliza essa herança, permite aumentá-la graças à atividade coletiva dos que a exploram. O trabalho intelectual pressupõe que se faça referência a tudo o que já foi escrito sobre o assunto, que se mobilizem os conhecimentos arquivados nos livros. Todos os livros da Terra num só lugar, isto é, todos os pensamentos jamais formulados, os fatos jamais relatados, as observações consignadas, os problemas e suas soluções.

Poder-se-ia, assim, reconhecer em Alexandria um dos protótipos desses "centros de cálculo", cuja importância na gênese de nossa modernidade foi (p.69) sublinhada por Bruno Latour: 128 lugar para o qual convergem os materiais documentários, as medidas, as amostras botânicas, zoológicas ou pedológicas, as observações locais e pontuais, cuja acumulação permite operações novas, fora do alcance dos que produziram esses dados parciais. Alexandria vê se desenvolverem os dispositivos que asseguram a produção de um saber global a partir da codificação ou da tradução de informações locais: pôr em série, comparar, organizar em ordem alfabética, geográfica ou temática, reabsorver as heterogeneidades e introduzir uma comensurabilidade dos dados, que permite sua combinatória e suas permutas. O melhor exemplo disso nos é dado pela carta geográfica traçada pelo bibliotecário Eratóstenes. 129 Ninguém estava mais bem situado para revisar os antigos mapas da Terra, que, ao que parece, tinham chegado à Biblioteca de Alexandria misturados com as torrentes de livros que afluíam para o palácio dos Ptolomeus. Para retificar e reatualizar esses mapas, ele dispunha de uma abundante documentação escrita, narrativas de viagens, périplos, relatos de exploração e descrição regionais: tratava-se de um *corpus* heterogêneo e de uma visão do mundo fragmentada numa pluralidade de pontos de vista e de linguagens (o viajante, o etnógrafo, o historiador, o diplomata etc.). Como explorar essas informações parciais e organizá-las num todo coerente e homogêneo, isto é, num mapa? Traduzindo o conjunto desses dados na linguagem gráfica e no espaço matemático da geometria euclidiana, que acabava justamente de ser codificada nos *Elementos* em Alexandria. Desde então, as localizações e as formas de territórios podem ser transportadas sob a forma de pontos e linhas para uma superfície gráfica uma vez que a projeção ortogonal escolhida por Eratóstenes permitia explorar as possibilidades silogísticas das linhas paralelas e perpendiculares. Assim, o mapa - em grego "tábua", *pinax* - é uma biblioteca geográfica miniaturizada, homogênea, coerente, dominável pelo olho e pela memória, onde toda a informação disponível foi inscrita numa forma já agora imutável, apta a ser reproduzida, difundida e depois retificada. 130 A multiplicidade das fontes se reabsorve num artefato único, assim como os diferentes manuscritos de Homero se fundem na edição de Zenódoto.

Na vida intelectual que se desenvolve em torno da Biblioteca de Alexandria, vemos, assim, se afirmar um modelo de trabalho em que o recurso às fontes escritas é predominante. Se os princípios teóricos da geodésia de terreno são conhecidos - e disso Eratóstenes fornece magnífica ilustração prática calculando a circunferência da Terra a partir da medida do arco de meridiano entre Alexandria e Siene -, a geografia alexandrina se apóia, quanto ao essencial, na mediação do escrito. Não dispo de infraestruturas e da (p.70) logística da Academia de Ciências Francesa no século XVIII, ou das sociedades de geografia européias do século XIX, que permitiram progressos decisivos na exploração e na cartografia do mundo, ao preço de ambiciosas viagens oceânicas ou de campanhas geodésicas na escala de todo o

território, Eratóstenes, como Estrabão e Ptolomeu, tem de construir uma representação do mundo à distância, reunindo itinerários, relatos de viagens, descrições regionais, informações pontuais sobre uma localização, estimativas de distância em dias de marcha, em dias de navegação, em parasangas ou em estádios. 131 Aliás, essa informação pôde ser transmitida por etapas sucessivas, o viajante original já tendo sido compilado por autores de monografias regionais ou pelos geógrafos mais antigos. 132 O trabalho em biblioteca se impõe a quem quer escrever uma história ou uma geografia universais, comparar constituições políticas ou costumes humanos, reagrupar os mitos gregos num *corpus* sistemático. Alguns ficarão chocados com isso, como Políbio, que valoriza um modelo pragmático de história que repousa na viagem e na experiência, implica testemunhos diretos, ou até mesmo um envolvimento pessoal nos acontecimentos narrados: Timeu de Tauromênio surge como o exemplo maldito do "historiador de biblioteca", que só tem um conhecimento mediatizado dos fatos, contrariamente ao historiador viajante, inspirado pelo modelo de Ulisses, que assiste aos acontecimentos e encontra seus protagonistas.133 Mas isso é negligenciar o alargamento do horizonte próprio da pesquisa em biblioteca, na qual a acumulação dos livros faz recuar as fronteiras do tempo e do espaço e permite ao leitor compartilhar uma infinidade de olhares e experiências.

Estabelecer o texto de Homero e construir a carta da Terra implicam, no fundo, operações vizinhas: nivelar as variantes, confrontá-las num mesmo espaço de visibilidade, fazer da crítica formal dos documentos o instrumento da validação das informações. A retificação dos filólogos aparece como um paradigma importante do trabalho intelectual em Alexandria, o único meio de estabelecer a verdade em domínios conjecturais. Porque é da seleção e interpretação das fontes que decorrerá a representação de um país distante ou de um acontecimento passado, fugindo a qualquer verificação empírica. E, de fato, Eratóstenes apresenta seu empreendimento como "a retificação dos mapas antigos", 134 da mesma maneira que Zenódoto e Aristarco retificaram (*diorthôsis*) as cópias antigas da *Iliada* e da *Odisséia*.

Num nível mais fundamental, o mapa helenístico, o texto homérico pontilhado nas margens com pictogramas críticos, as "coleções" de palavras, (p.71) de citações e de objetos de saber são outros tantos "móveis imuráveis", termo pelo qual Bruno Larour 135 designa o conjunto desses dispositivos visuais que fixam e codificam informações pontuais e heterogêneas, permitem atualizá-las, combiná-las, filtrá-las ou completá-las, transmiti-las sob uma forma estável. Transportar as coordenadas de longitude ou de latitude para um quadriculado traçado segundo as instruções de Ptolomeu implica o mesmo tipo de tecnologia do intelecto que recopiar em rolos de papiros os signos diacríticos de Aristarco, ou reagrupar em lista alfabética, temática ou geográfica, informações recolhidas dos livros. De Eratóstenes a Estrabão, o mapa alexandrino é esse dispositivo que circula de um geógrafo para outro, como memória do saber averiguado, mas também como espaço muito concreto do trabalho geográfico: verificar os cálculos, completar o mapa, retirar dele os lugares que não existem, modificar uma linha ou uma localização, acrescentar novas posições. Do mesmo modo, o texto de Homero, de Zenódoto a Aristarco, passando por Aristófanes de Bizâncio, é também uma forma de "móvel imutável", em que cada filólogo pode controlar, corrigir ou, ao contrário, ratificar o trabalho de seus colegas. Quanto às "coleções" alexandrinas, elas vão irrigar, para o melhor como para o pior, toda a literatura greco-romana e alimentar o grande rio das enciclopédias da Antiguidade tardia e da erudição moderna.

Vai longe o tempo em que os intelectuais gregos podiam pretender estar oferecendo um saber inaugural, validado pela autoridade quase oracular de sua enunciação. A biblioteca cria um espaço de saber coletivo e evolutivo: espaço e tempo utópicos, onde os resultados de uns são o ponto de partida dos outros, onde cálculos e enunciados podem ser desconstruídos, criticados, reduzidos a nada, ou, ao contrário, validados, tornando-se assim fatos. A

biblioteca, paradoxalmente, gera a desconfiança para com o escrito, a paranóia de leitores obcecados pelas armadilhas da mentira e da ficção dissimulada sob as aparências da *historia*. Pensemos em Políbio e em Estrabão a propósito da credibilidade de Píreas ou dos relatos de viagens à Índia de Megástenes, Deímaco e Pátroclo... O escrito não é investido de uma autoridade intrínseca. Ele não imobiliza o pensamento, e sim o dinamiza. A própria acumulação das opiniões e sua exposição suscitarão o ceticismo, às vezes afirmado de maneira provocante: leiamos Homero sem Zenódoto, tal é a mensagem implícita de Timão de Fliunte, quando ele aconselha o poeta Áratos a ler Homero em antigos exemplares e não naqueles que sofreram a retificação alexandrina. 136 Voltemos aos mapas antigos, de antes da retificação de Eratóstenes, vitupera Hiparco! 137 A vertigem cética como mal das bibliotecas? (p.72)

O tratado alexandrino produz conhecimento a partir da exploração das fontes escritas. Constituem-se assim bibliotecas disciplinares e fileiras intelectuais, e cada novo tratado se abre com uma genealogia que é também uma bibliografia: isso é verdade tanto para os geógrafos como para os mecânicos, os médicos e os astrônomos. 138 É durante a leitura dos predecessores que se efetua a triagem entre os enunciados verdadeiros e as invenções, entre os delírios mitográficos e as verdades científicas: tribunal implacável da ciência alexandrina, antecipado por cada novo autor mediante esforços múltiplos para validar seus resultados, argumentar suas asserções, multiplicar seus aliados, invocar "autoridades" e transformar assim suas conclusões em "caixas pretas" impenetráveis.

Com isso, cada novo tratado reflete e condensa a biblioteca que o tornou possível. A crítica das fontes, a exploração dos resultados adquiridos, o resumo dos sistemas anteriores reduzidos a algumas citações, outras tantas inscrições da leitura na própria escrita, com suas aproximações e às vezes suas idéias preconcebidas. O tratado torna-se, sozinho, a biblioteca disciplinar e sintetiza as aquisições anteriores, poupando assim ao leitor o trabalho de remontar à genealogia do saber e de se referir aos textos originais. Esse desejo de resumir, de ajuntar o saber, de extraí-lo da multiplicidade dos livros para dele fazer um conteúdo dominável e transmissível toma formas múltiplas: os prolegômenos críticos e bibliográficos dos geógrafos e dos cartógrafos; o desenvolvimento dos manuais didáticos, que tornam certos campos de saber acessíveis a leitores não especializados sob uma forma resumida, sistematizada, reescrita: a gramática, a astronomia, a mecânica, a geometria, a geografia; o desenvolvimento dos livros-biblioteca, que reutilizam fontes diferentes a serviço de um projeto global: uma história ou uma mitografia universais, tais como a *Biblioteca histórica* de Diodoro da Sicília ou a *Biblioteca mitológica* do Pseudo-Apolodoro. Diodoro explica perfeitamente a lógica que conduz, da grande biblioteca com milhares de livros, ao livro único que resume essa biblioteca: uma das razões de seu empreendimento é a dificuldade que encontram seus leitores, amadores de história, para ter acesso aos próprios livros. 139 O exaustivo e o universal, a Terra inteira e sua história numa só obra: Diodoro da Sicília é ainda uma testemunha de um fantasma bem alexandrino.

Conclusão

Alexandria ou a memória do saber. Afinal de contas, a modernidade dessa biblioteca universal reside menos no sonho real de reunir todos os livros (p.73) da Terra que nos procedimentos intelectuais usados pelos letrados e pelos sábios para dominar essa acumulação e tornar produtiva essa memória absoluta.

A acumulação dos livros suscitou a classificação, a emergência de uma ordem que correspondia a uma organização sinótica dos campos de saber e dos gêneros literários. As *Tábuas* de Calímaco são o mapa de uma biblioteca ideal... Mas o valor dos livros, concebidos como capital intelectual operando para sua própria frutificação, não podia se satisfazer com a

utopia de uma memória total: as separações temporais entre os antigos e os modernos, as fronteiras disciplinares, a discriminação das fontes introduzem a seletividade, o esquecimento e a perda como condições do progresso do pensamento e do saber.

Cada novo autor, resumindo os livros que leu e remobilizando-lhes as aquisições, preparava-lhes assim a obsolescência, senão a ruína. Para desespero do leitor moderno, os eruditos alexandrinos fazem da referência às fontes uma arte da controvérsia: eles nos informam mais frequentemente sobre a seletividade e a orientação de sua leitura que sobre os textos originais que assim compilaram.

A biblioteca suscita o nascimento de livros que refletem e condensam sua universalidade: estes últimos nos esclarecem sobre a expectativa de leitores desejosos de dispor de resumos, de sínteses, condensando o máximo de saber e de livros num mínimo de espaço. As doxografias seriam a causa do naufrágio da biblioteca filosófica?

A tentação enciclopédica criada pela biblioteca tende a reificar os conteúdos de saber e a torná-los móveis, traduzíveis, permutáveis, independentemente mesmo dos textos originais e dos autores que os produziram. A circulação, a difusão dos enunciados e dos saberes, e em seguida sua reutilização e sua transformação em novos escritos, são uma das figuras mais importantes do trabalho intelectual em Alexandria: trabalho de reciclagem, em circuito fechado, cuja lógica pode, ela própria, ter contribuído para o esquecimento e a atomização da totalidade.

Christian Jacob